

RANDALL COLLINS E OS ASPECTOS META-TEÓRICOS DE UMA NOVA ABORDAGEM MICRO-INTERACIONISTA DA SOCIOLOGIA

Debate / discussão em teoria social

GT 31- Teoria Social Contemporânea

Marcílio José silva Jerônimo Jr.

RESUMO:

O objetivo do trabalho é construir a partir da teoria da cadeia dos rituais interacionais de Randall Collins uma discussão acerca de possíveis rupturas e de continuidades em termos meta-teóricos para as (quatro) mais importantes tradições da sociologia. Por meio de uma exegese na qual discutiremos as origens dessa nova abordagem micro-interacionista na sociologia – que tem suas raízes mais evidentes dentro da tradição durkheimiana – observaremos como a nova contribuição de Randall Collins pode não apenas servir como possibilidade de uma atualização acerca das teorias da ação e da interação social, como pode também abrir possibilidades de síntese/diálogo com outras tradições do pensamento social. Devemos destacar também a possibilidade de aplicabilidade da teoria dos rituais interacionais em fenômenos de grande importância na contemporaneidade como a violência um tema bastante discutido pelo próprio Randall Collins.

Palavras-Chave: Micro-sociologia, Meta-teoria, Tradição durkheimiana, Pensamento social, Rituais

1. Introdução.

Em sua obra mais recente intitulada “*Violence*” Randall Collins (2008), busca uma nova abordagem do fenômeno da violência. Partindo da idéia de que o que deve ser colocado no centro da análise são as características da situação violenta, as primeiras observações que podem ser feitas, nesse trabalho, é a de que nessa nova abordagem proposta por Collins (2008), encontramos uma ruptura com alguns conceitos e elementos-chave já famosos a respeito do tema: ao partir de um conjunto de materiais empíricos colhidos a partir de instrumentos novos, o autor termina por desconstruir alguns mitos sobre a violência e propor um novo caminho para o entendimento desse fenômeno.

Trata-se aqui de desenvolver uma nova micro-sociologia das interações de violência, mas deixando um pouco em segundo plano – ou utilizando-os de maneira diferenciada - elementos que eram postos como centrais em outras abordagens (racionalidade individual, a base cultural e social por trás das ações violentas etc). A originalidade desse tipo de empreendimento sociológico nos leva também a uma reflexão a respeito dos passos tomados pelo autor, no que diz respeito aos aspectos metodológicos de seu trabalho e o modo como algumas tradições da sociologia foram sintetizados/combinados para esse trabalho. Notamos por meio da leitura de *Violence* que alguns casos apontados pelo autor como práticas de violência, contém em si os elementos típicos que se encaixariam em tradições teóricas diferenciadas. Em abordagens sobre guerras da antiguidade a busca pelo que era necessário “demonstrar ao adversário”; As técnicas de organização dos Holligas; O código de ruas (e linguagem corporal); para cada caso específico citado, existe a margem para o uso de tradições sociológicas como a tradição do conflito, a tradição racional/utilitarista, a tradição Durkheimiana, ou a tradição micro-interacionista. Contudo o centro da abordagem de Collins consiste na violência enquanto fruto de um processo situacional, aonde as características da situação de violência a nível micro-sociológico – não se afirma aqui que aspectos de nível macro-sociológicos estejam plenamente descartados – vão determinar o curso dos acontecimentos. Além disso, o chamado campo de confrontação de tensão/medo, que ele descreve na maioria dos capítulos do livro, nos permite encontrar

um elemento condutor da situação de violência que escapa de certos conceitos chave das tradições sociológicas descritas: Ideologia, conflito, racionalidade, status, moral, cultura etc. Collins chama a atenção para a limitação de alguns desses conceitos na abordagem tradicional da violência.

O objetivo desse trabalho é, portanto, analisar os aspectos meta-teóricos ou metodológicos que permitem uma abordagem diferenciada do processo não apenas de violência, mas também sobre formação de rituais de interação, estruturas simbólicas em Randall Collins (2008) e que podem ser úteis também para a abordagem de outras formas de interação social.

2. O pensamento social e as ciências humanas: O desenvolvimento de um campo do conhecimento.

As ciências humanas possuem entre outras diferenças com relação às ciências naturais o debate constante acerca de fatores meta-teóricos ou metodológicos. Desde a sua fundação na segunda metade do sec. XIX houve constantes debates e críticas que atingiram a sociologia em alguns de seus princípios básicos, além de propostas de abordagem sociológicas com bases metodológicas distintas. Isso permitiu com que surgissem tradições teóricas diferenciadas dentro da sociologia. O que percebemos por esse aspecto da história da sociologia e das Ciências Humanas em geral é que a discussão meta-teórica que guia os projetos científicos e teóricos em geral da sociologia é um aspecto fundamental para o desenvolvimento dessa ciência como em outras ciências humanas.

Surgida na segunda metade do sec. XIX, a sociologia buscou desde o seu princípio delimitar o seu objeto de estudo, a partir daqueles fenômenos em nível coletivo que fossem empiricamente observáveis, e possíveis de serem explicados cientificamente. Com o passar do tempo as pretensões da sociologia construir uma ciência com um conjunto de regras e pressupostos, sólidos tal como no caso das ciências “naturais” foram se diluindo. Uma constante na sociologia é a reformulação de seus princípios teóricos e metodológicos, os elementos fundamentais que devem guiar uma pesquisa empírica, a sua aceitação ou não de uma proposta de se firmar como uma ciência entre outros aspectos. De Durkheim à Giddens, o que vislumbramos é sempre uma mudança nas chamadas “regras do método sociológico”. Surgiram no decorrer da história da sociologia novas concepções do que vem a ser o papel da sociologia, as suas limitações, pressupostos filosóficos que devem conduzir o seu corpo teórico. Tornou-se possível a afirmação na qual a sociologia consiste em um leque de métodos científicos diferenciados em uma única ciência, em vez de ser uma ciência acabada em si.

Isso nos permite entrar em uma discussão, que consiste na própria natureza da sociologia e de diversas ciências humanas; que é o da reformulação e da discussão crítica de todas as etapas envolvidas no processo de pesquisa, ou, usando um conceito mais simples o da discussão meta-teórica da ciência. Ao observarmos o processo de institucionalização da sociologia, notamos que o surgimento dessas diversas tradições se deu por conta dos constantes movimentos, e esforços de autores e de correntes teóricas em geral de reformular os pressupostos meta-teóricos internos, da atividade sociológica. Randall Collins (2009) reconhece algumas dessas tradições sociológicas que ele divide em quatro tradições principais; A tradição do conflito representada principalmente por Marx e Weber; a tradição utilitarista, representada especialmente pelos teóricos da Escolha racional; a tradição Durkheimiana representada pelo próprio Durkheim, e por autores clássicos da sociologia como Parsons e Merton; e a tradição micro-interacionista que abrange a Escola de Chicago e a etnometodologia de Garfinkel.

Randall Collins (2009) no livro *As Quatro Tradições Sociológicas* reconhece alguns paradoxos básicos das ciências sociais bem como algumas condições básicas para o surgimento de uma atividade intelectual que permita o surgimento de um pensamento social objetivo: a) uma cultura de racionalização no sentido que Max Weber apresenta, ou seja de “desencantamento”; b) o surgimento de uma classe/comunidade intelectual. Não apenas n’*As Quatro Tradições*, mas também em outras análises aonde Collins (2001) discute questões elementares de filosofia da ciência, percebemos que ele

reconhece que essas mudanças, ou grandes movimentos que mudam a face de uma ciência ou os paradigmas da filosofia, a partir de movimentos coletivos, não apenas na modernidade mas como também na antiguidade aonde ele reconhece os primeiros esforços que podem ser entendidos como empreendimentos de se construir um pensamento social objetivo.

Collins (2009) em seu breve apanhado histórico, dos movimentos intelectuais responsáveis pela construção de uma tradição do pensamento social traz de volta os primeiros grandes esforços para se empreender uma forma de conhecimento/pensamento social que datam de 500 A.C na Grécia antiga. Essas primeiras grandes considerações no campo do pensamento social encontram-se em filósofos como Platão e Aristóteles. Esses dois filósofos célebres focavam em descrições valorativas acerca de qual deveria ser o melhor modelo de sociedade. Platão descreveu, o modelo de governo ideal baseado em alguns de seus conceitos filosóficos mais elementares. A política de Aristóteles, consistiria em um conjunto que se analisado de perto abrange alguns elementos fundamentais da base social, o discurso retórico e o discurso poético. Ainda dentro desse “evolução” do pensamento social Collins nos mostra o surgimento do intelectual moderno, no período medieval com a formação das primeiras universidades. Do ponto de vista da sociologia moderna o que ocorreu foi um deslocamento de objetivos, no sentido de que a universidade deixou de ser um meio para ser um fim em si mesmo. Com o movimento da renascença essa vida intelectual passa a ser secularizada. Todo o processo histórico de institucionalização das ciências e da divisão dos campos do saber científico, corresponde do ponto de vista da formação da sociologia em etapas de delimitam cada vez mais os campos das ciências sociais; primeiramente vemos o surgimento da Economia como sendo a primeira Ciência Social. Algumas obras são bastante significativas nesse sentido. Quesnay Fisiocracia e a riqueza das nações com Adam Smith em 1776. Por outro lado vemos a afirmação da história enquanto ciência; a Independência da psicologia. Surgimento e conquistas da antropologia e das primeiras teorias antropológicas ainda com alguns elementos de antropocentrismo e de etnocentrismo; e por fim, Surgimento da sociologia a partir do positivismo de Augusto Comte. A Sociologia se inicia segundo Collins (2009) em uma clara sintonia com problemas práticos da época da expansão industrial e da revolução no modelo de organização universitária.

3. A tradição Durkheimiana: a linha teórica resgatada por Randall Collins

Para os fins desse trabalho cabe compreender a análise de cada uma dessas quatro tradições realizada por Collins (2009), a fim de que possamos compreender a síntese que ele elabora de alguns de seus conceitos mais tradicionais para entender a teoria do ritual interacional, como uma teoria das características da situação da ação social, bem como a discussão meta-teórica existente em sua obra. Percebemos que para a formulação da teoria do Ritual Interacional (IR), os conceitos fundamentais encontram-se essencialmente na tradição durkheimiana. Essa tradição teórica pode ser vistas sob duas vertentes uma que possui força nos escritos de autores que desenvolveram ao maior grau de sofisticação o funcionalismo sistemático, como Parsons e Merton, e uma segunda corrente que focou em um tipo de reflexão que busca resgatar os escritos de durkheim de caracterização mais micro-sociologica, no caso, textos de Durkheim acerca das religiões primitivas.

Se aquele primeiro conjunto de reflexões sociológicas do sec. XX que aproveitavam a tradição Durkheimiana foram fundamentais no sentido de serem as primeiras grandes noções de modernidade enquanto um tipo de sistema integrado, que irá ter bastante semelhanças com concepções frankfurtianas, em especial com teorizações de Habermas, um outro conjunto de aspectos vai ser apresentado e desenvolvido mas no campo da antropologia. a importancia de aspectos morais, em situações que não são de natureza macro-social; elementos considerados de natureza não-rationais como a religiosidade; a solidariedade produzida pelo campo do sagrado; a produção de rituais fundamentais para a manutenção de hierarquias em sociedades primitivas; a produção de significações

em um nível não de consciencia individual, mas coletivo; ritos de passagem como formadores da subjetividade e de práticas sociais; elementos essenciais presentes na consciência coletiva compartilhada; criatividade na produção de rituais de interação. É nessa linha que está separada do *mainstream* da sociologia, nesse momento, muito embora andasse bastante unida com a ciência sociológica nos escritos de Durkheim é mantida, desenvolvida, aperfeiçoada e sofisticada na antropologia. Antes de Durkheim porém, devemos elencar alguns episódios importantes do desenvolvimento da filosofia do sec. XX, que abarca concepções conservadoras e anti-revolucionárias, as reflexões de Comte, antes de vermos como foi apropriada pela sociologia de Durkheim todo esse arsenal. Para Collins (2009), “os antropólogos forneceram uma poderosa munição para a tradição sociológica nascente. A prioridade da sociedade em relação aos indivíduos toma a forma de sentimentos morais: vínculos fortes e não racionais a religião, a família e a própria sociedade. A ênfase na fé e na lealdade já pode ser encontrada na obra de Comte, especialmente em sua última fase, quando sua “Filosofia Positiva (isto é científica)” estava começando a se converter em um culto da humanidade, tendo o próprio Comte como seu maior pastor. Esse também era o principal tema de Louis de Boland e Joseph de Maistre, aristocratas reacionários que escreveram em 1820, e cujas polêmicas antirevolucionárias tomaram a forma de uma violenta defesa de uma igreja oficial. O que Durkheim fez foi converter essas afirmações ideológicas em uma teoria sobre como a solidariedade pré-racional é gerada: o mecanismo do ritual, que é mais claramente exemplificado na religião, mas que também se faz presente em outras áreas da vida social”.

Não é possível esquecer também a grande contribuição de outro grande autor, mas em um campo distinto: O historiador Fustel de Coulanges. Para Collins (2009) esse seria um dos mais negligenciados predecessores de Durkheim. É de grande importância para Durkheim, a forma como Coulanges em suas reflexões acerca das sociedades antigas em especial Grécia e Roma, os rituais religiosos como base, não apenas da formação das famílias aristocráticas, mas da sociedade como um todo. Para Collins (2009) “Fustel não era um sociólogo no sentido estrito do termo, como o sociólogo que Durkheim se tornou ao desenvolver os insights de Fustel até torná-los generalizações abstratas, embora Fustel tenha declarado com convicção que a história é uma ciência, não meramente uma arte. No que se refere ao seu modelo propriamente dito, Durkheim o “virou de cabeça pra baixo”, explicando as idéias religiosas pela estrutura social e não ao contrário”. Em seu último livro *As formas elementares da vida religiosa* de 1912, Durkheim busca “secularizar” noções acerca do sagrado: Deus não seria uma realidade transcendental, mas símbolo máximo de unificação da sociedade por meio de um tipo de poder central. Reconhece, assim como pensadores conservadores como Joseph De Maistre, porém que a religião é o fundamento moral da sociedade e que não podemos viver sem o respeito ao cristianismo tradicional”.

Dois possíveis expoentes da tradição antropológica que podemos mencionar aqui, que estão em pólos opostos caracterizados pelo sagrado de um lado e pelo individualismo cotidiano em outro, sem sair dessa linha de reflexões acerca de símbolos e de rituais, são Lloyd Warner e Erving Goffman. Warner, para Collins (2009), trouxe a perspectiva durkheimiana para a moderna sociedade estratificada, ao apresentar seus rituais. Tendemos a considerar a sociedade moderna como sendo racional e secular. O trabalho de Warner nos mostra que podemos vislumbrar as sociedades, mesmo as modernas e percebermos que os rituais estão por toda a parte. O cristianismo enquanto uma comunidade religiosa deve ser submetido ao mesmo tipo de análise segundo Warner: a análise dos rituais e das cerimônias que reúnem uma comunidade e lhe atribuem uma identidade simbólica.

Por outro lado, encontramos Erving Goffman, que trouxe a questão dos rituais para um campo das relações/interações micro-sociais, em especial no livro “A invenção do eu cotidiano”. Goffman nos trás a metáfora do teatro; o individuo no cotidiano usa de “representações” teatrais em suas conversações, diálogos, escolhas, padrões de comportamento no meio social. Como nos mostra Collins (2009), “Os rituais, portanto são performances. Eles não tem apenas conseqüências sociais – criando

imagens, idéias sobre o eu das pessoas, negociando laços sociais, controlando os outros -, mas eles também requerem alguns recursos, tanto propriedades materiais quanto habilidades culturais. Eles mantêm uma sociedade unida, mas fazem isso de um modo mais estratificado. Rituais são armas que sustentam e renegociam a estrutura de classe. Eles apenas criam o eu, mas classificam os diferentes tipos de “eu” em diferentes classes sociais”. Essas representações seriam o ponto de análise dos rituais dentro da obra de Goffman, uma vez que, como nos mostra Collins (2009), a análise dessas representações teatrais, constituem em uma continuidade do argumento Durkheimiano. Em especial, vemos os rituais aqui, mesmo que num outro campo de uma esfera não-sagrada, o elemento de coesão que une agentes sociais. Nas suas concepções sobre representações cotidianas,

Goffman não está sendo cínico, embora muitas vezes ele tenha sido equivocadamente interpretado desse modo. Ele está seguindo explicitamente o argumento de Durkheim, segundo o qual, na sociedade moderna, os deuses dos grupos isolados deram lugar a adoração de único “objeto sagrado” que todos temos em comum: o eu individual (Collins, 2009).

Dessa forma, podemos ver que nos processos rituais uma diferença entre as sociedades modernas e sociedades mais primitivas, temos uma substituição do objeto de culto. O “eu” é o ser pelo qual construímos os rituais de interação sociais; o que nos permite uma multiplicidade de possibilidades e espaços pelos quais podemos pensar sobre produção de rituais, para além do campo religioso; todos os espaços que reúnem pessoas, interagindo, se comunicando, dotado de uma estrutura simbólico que é regida por normas e regras, pode ser objeto de análise sociológica ou antropológica, uma vez que são espaços que acarretam uma grande diversidade de “representações” e/ou de rituais de interação. O foco fundamental de Goffman nesse sentido, consiste em demonstrar que dentro da multiplicidade de ações sociais, podemos enxergar processos rituais. Collins (2009) reforça a importância de Goffman:

As interações rituais são armas que as pessoas utilizam para marcar pontos: fazer os contatos certos, causar embaraço ou até mesmo destruir os rivais, para afirmar a própria superioridade social. Crenças e objetos sagrados são criados pelos rituais: nas sociedades tribais (ou em igrejas) é o ritual que cria deus ou o espírito; nos encontros cotidianos, o ritual cria o eu. Para Durkheim, um ritual é um tipo de configuração de seres humanos que voltam seus corpos, sua atenção e suas emoções para a mesma direção. Goffman acrescenta uma observação ainda mais materialista; os rituais são análogos ao teatro. Nós realizamos performances, mas elas exigem a utilização de um figurino e de um cenário reais: roupas, o palco, uma platéia e um lugar onde os atores podem guardar seus equipamentos (Collins, 2009).

4. Randall Collins e os rituais interacionais: uma nova abordagem micro-interacionista na tradição durkheimiana

Collins (2009) se coloca como um autor que está entre as últimas contribuições da tradição durkheimiana. Esta, se dá basicamente pela criação da teoria dos rituais interacionais. Com ela Collins (2009) reaproveita a contribuição de Emile Durkheim, na sociologia das religiões primitivas, bem como de Goffman, nas representações cotidianas, e na formação do “eu”. A teoria dos rituais interacionais recupera ainda algumas contribuições de Durkheim acerca do crime: Durkheim já falava da punição social como formas de rituais sociais. Collins (2008) usa a cadeia de rituais interacionais como modelo explicativo do crime e da violência. O que nos leva a pensar também que nesse tema do crime podemos buscar o encontro entre as duas bifurcações da tradição durkheimiana: uma vez que sabemos que os desdobramentos da teoria do crime de Merton (que estaria próximo ao funcionalismo de Parsons) permitiram reflexões bastante interessantes sobre subculturas delinquentes, podemos encontrar em Randall Collins (2003) um entendimento das ações e da linguagem de gangues e de

subculturas delinquentes, dentro de uma visão que trabalhe essas condutas também como processos rituais. Aspectos de natureza macro-social e micro-social se encontram nessa nova abordagem.

É preciso lembrar aqui mais uma vez: Durkheim é bastante reconhecido pelo seu trabalho que concebe as sociedades, em especial, as sociedades modernas, por meio de uma visão holística. Mas é nos seus escritos sobre religião primitiva que começamos a colher as fontes de sua influência em Randall Collins. Alguns aspectos como o da Energia Emocional, ou a concepção de Ritual, remetem decididamente a sociologia Durkheimiana; encontramos citações da obra de Durkheim, e o reaproveitamento de alguns elementos desse momento final da obra dele – das formas elementares da vida religiosa - na teoria dos rituais interacionais (IR). Por outro lado, a natureza micro-sociológica dessa nova teoria, tem suas outros pontos de diálogo em outras tradições da teoria social como a tradição micro-interacionista, já descrita nas primeiras sessões desse trabalho, que tem como grandes expoentes autores da Escola de Chicago. O mesmo pode ser afirmado acerca da Escola utilitarista, por focarem, em especial a aspectos micro-sociológicos, da ação da consciência, da linguagem, e da racionalidade individual.

Saindo dessa primeira etapa da investigação da obra de Collins (2003), iremos partir para uma descrição minuciosa da teoria da Interação Ritual em todas as suas características, entre elas: a) um grupo de pelo menos duas pessoas estar fisicamente montada; b) Esse grupo precisa concentrar a atenção sobre o mesmo objeto ou ação, e cada um se tornar ciente de que o outro age pela manutenção desta foco; c) eles compartilham de um estado de espírito comum ou emoção. À primeira vista, isso parece perder o núcleo da definição usual de "Ritual" estereotipadas ações como recitar fórmulas verbais, cantando, fazendo gestos prescritos, e vestindo trajes tradicionais. Estes são os aspectos superficiais de um ritual formal, que têm seu efeito social apenas para garantir um foco de atenção mútua. O foco mesmo pode ocorrer de forma implícita em casos que podemos chamar de rituais naturais. Na medida em que estes ingredientes são sustentados, acumulam-se outros efeitos sociais (Collins, 2009). Esse efeitos sociais que decorrem desses primeiros pontos apontados abrange o desenvolvimento de uma linguagem corporal, de um aumento da solidariedade, e do sentimento de pertença dos indivíduos ao grupo. Esse é o principal resultado desse processo, os participantes sentem que são membros de um grupo, com moral obrigações para com o outro. Seu relacionamento se torna simbolizado pelo que eles concentraram mutuamente durante sua interação ritual. Subsequentemente, quando pessoas usarem estes símbolos nos campos do discurso ou do pensamento, eles são tacitamente lembrados do seu grupo adesão. Os símbolos são carregados de significado social, de experiência de rituais e símbolos de interação. Existe também uma flutuação na relevância diária de símbolos. Símbolos lembram membros para remontar o grupo, seja por ter um outro serviço da igreja, outra cerimônia tribal, outra festa de aniversário, uma outra conversa com um amigo, ou uma outra conferência acadêmica. A sobrevivência de símbolos, e a criação de novos, depende da extensão em que os grupos pode remontar a esses símbolos periodicamente. Símbolos que são suficientemente carregados de sentimentos de pertença ajudam a conduzir o indivíduo ao longo de certos cursos de ação, mesmo quando o grupo não está presente. Símbolos bem carregados se tornam emblemas de ser defendidos contra profanadores e estranhos, pois eles são os marcadores de limites do que é apropriado, e bandeiras de batalha para a precedência de grupos (Collins, 2009).

Como Goffman em suas análises sobre a representação do “eu”, Collins (2001) analisa os rituais interacionais como sendo presentes por toda a parte. É nesse sentido que o autor, realiza também a sua nova teorização acerca da ação violenta. Em sua obra mais recente intitulada “*Violence*” ele busca, partindo da idéia de que o que deve ser colocado no centro da análise são as características da situação violenta, uma ruptura com alguns conceitos e elementos-chave já famosos a respeito do tema: ao partir de um conjunto de materiais empíricos colhidos e de instrumentos novos, o autor termina por desconstruir alguns mitos sobre a violência e propor um novo caminho para o entendimento desse fenômeno. A reconstrução teórica feita nessa obra, passa evidentemente por um longo diálogo que se

iniciara a alguns anos anteriores, e em diversos trabalhos nos quais Collins (2009) dialogou com outras tradições da teoria sociológica, buscando encontrar seus pontos em comum, suas diferenças e continuidades.

Trata-se aqui de desenvolver uma análise micro-sociológica das interações de violência, mas deixando um pouco em segundo plano – ou utilizando-os de maneira diferenciada - elementos que eram postos como centrais em outras abordagens (racionalidade individual, a base cultural e social por trás das ações violentas etc). A originalidade desse tipo de empreendimento sociológico nos leva também a uma reflexão a respeito dos passos tomados pelo autor, quanto aos aspectos metodológicos de seu trabalho e o modo como algumas tradições da sociologia foram sintetizados/combinados para esse trabalho. Notamos por meio da leitura de *Violence* que alguns casos apontados pelo autor como práticas de violência, contém em si, os elementos típicos que se encaixariam em tradições teóricas diferenciadas. Para cada caso específico citado ao longo da obra, existe a margem para o uso de tradições sociológicas como a tradição do conflito, a tradição racional/utilitarista, a tradição Durkheimiana, ou a tradição micro-interacionista. Contudo o centro da abordagem de Collins (2008) consiste na violência enquanto fruto de um processo situacional, aonde as características da situação de violência a nível micro-sociológico vão determinar o curso dos acontecimentos. Não se afirma aqui que aspectos de nível macro-sociológicos estejam plenamente descartados: ao contrário, Collins (2008) demonstra a combinação entre esses níveis estruturais nos fenômenos da violência. Além disso, o chamado campo de confrontação de tensão/medo, que ele descreve na maioria dos capítulos do livro, nos permite encontrar um elemento condutor da situação de violência que escapa de certos conceitos chave das tradições sociológicas descritas: Ideologia, conflito, racionalidade, status, moral, cultura etc. Collins chama a atenção para a limitação de alguns desses conceitos na abordagem tradicional da violência.

Enquanto uma atualização da tradição Durkheimiana, mesmo reconhecendo outros autores importantes que realizam um empreendimento sociológico semelhante ou como um autor que busca uma teoria social ou sociológica, Collins (2009) enxerga com otimismo as conquistas dessa tradição teórica. Segundo ele:

No fim das contas, essas teorias sobre o crime terão que ser integradas em um quadro teórico consistente com o modelo da sociedade estratificada que começou a emergir neste capítulo. Enquanto isso, essas teorias são exemplos de quanta vitalidade existe na tradição durkheimiana. Em muitos sentidos, enquanto o conjunto de idéias mais profundas e menos óbvias da sociologia, a tradição durkheimiana ainda se mantém relativamente secreta entre os vários trabalhos teóricos e empíricos que estão em curso atualmente. Seu potencial para unificar a sociologia em torno de um núcleo comum, em minha opinião, continua mais poderoso do que nunca antes (Collins, 2009).

5. Sociologia, e teoria sociológica: Possíveis rupturas e continuidades na teoria dos rituais interacionais.

É importante agora, refletirmos acerca desse aspecto sobre as repercussões possíveis da teoria dos rituais interacionais para a teoria sociológica. Levamos em conta, o fato de que essas continuidades se deram por caminhos que não se separavam originalmente: Durkheim, como Collins (2009) fala, não fazia distinção entre os trabalho sociológico e o antropológico. Seu legado teve aproveitamentos distintos nesses dois campos do saber por meio de pensadores que buscaram aperfeiçoá-lo dentro de cada campo específico das ciências humanas. As conquistas de cada empreendimento teórico sob influência do pensamento de Durkheim, seja na antropologia ou na sociologia, não podem ser negadas. Encontramos aqui, o resgate para a sociologia das contribuições da tradição durkheimiana que a sociologia – em especial a tradição funcionalista norte-americana – negligenciou de alguma forma, aspectos que foram desenvolvidos melhor na tradição antropológica. Além disso criou-se a

possibilidade real de um diálogo com outras tradições da sociologia, diálogo que era dificultoso, uma vez que algumas incompatibilidades ontológicas e epistemológicas se mostravam visíveis, a tirar como exemplo, as noções de conflito em Marx e Weber, e os conceitos de solidariedade orgânica de Durkheim.

Não apenas por olhar “mais de perto” as ações sociais, de nos possibilitar vermos os seus recursos dentro do cotidiano, mas por nos permitir assim, como almejavam teóricos de síntese como Bourdieu, um diálogo mais forte entre diversos campos teóricos tanto na antropologia, como na sociologia, acreditamos que é importante verificarmos esse atual momento da tradição durkheimiana, que no caso desse trabalho, abordamos Randall Collins (2009), como expoente de destaque. O potencial para guiar pesquisas empíricas acerca de problemas concretos da realidade, como a violência, também podem ser aproveitados. O largo alcance de análise, a possibilidade de verificarmos as relações sociais em diversos campos, por meio dos conceitos desenvolvidos ao longo da tradição durkheimiana é notável. É difícil discordar de Collins (2009) quanto as suas considerações positivas acerca dessa vertente do pensamento social.

Além disso, devemos perceber que os desdobramentos dessa corrente da teoria social devem ser nosso ponto de foco principal no que concerne ao diálogo com outras teorias sociológicas; *é no desenvolvimento do conceito de rituais e das estruturas simbólicas* a partir de vários autores da antropologia e da sociologia que encontramos a possibilidade de por meio de uma teoria de natureza essencialmente micro-sociológica vermos a combinação de elementos *das outras três tradições da teoria social* a saber: a tradição do conflito, a tradição racional utilitarista, e a tradição do conflito. Essa abordagem micro-sociológica da ação social, nos revela noções de solidariedade no sentido de rituais, símbolos, e significados compartilhados; noções de racionalidade uma vez que são reaproveitadas as noções de construção de um “eu” existentes nos trabalhos de Goffman, e reflexões acerca ganhos simbólicos planejados pelos atores sociais em campos específicos; a questão do conflito aparece quando trabalhamos os rituais interacionais, em aspectos de criminalidade e violência urbana. Collins (2003) trata a violência sob várias óticas, a guerra, o conflito de estratos sociais, a linguagem simbólica de gangues que acarreta noções de prestígio e poder, o espaço etc. Além do que podemos ressaltar também, que desde os estudos de Durkheim acerca das religiões primitivas inicia-se um empreendimento caracterizado por uma teorização dos aspectos religiosos e rituais como formas de interação social, dentro de uma dimensão micro-sociológica.

Podemos então passarmos para as considerações finais do nosso trabalho.

6. Considerações Finais.

Vimos nesse trabalho que é importante termos antes de tudo um desenho claro da delimitação de alguns campos do saber: Pensamento social, e teoria sociológica. Collins trata de teoria sociológica quando nos fala acerca das 4 tradições, mas definitivamente admite que é no campo da teoria social que temos algumas das bases principais para a formação das principais teorias sociológicas. Sabendo do recorte preciso, nesse campo, o que é importante colocar aqui é que se inicialmente possuímos (até a década de 50) 4 campos da teoria social bastante distintos, segundo o autor, vemos que pelo aproveitamento de um desses campos dentro da antropologia, vamos vendo o crescimento da possibilidade de diálogo dentro das diversas tradições sociológicas. Se por um lado podemos dizer que nos trabalhos de Collins o pensamento Durkheimiano se livra de algumas amarras do funcionalismo sistematizado da sociologia americana, especialmente representada por Parsons e Merton, vemos que com a combinação daquilo que há de melhor no desenvolvimento de noções como rituais, estruturas simbólicas, coesão dentro da antropologia, vemos a possibilidade do enriquecimento dessa corrente em termos (meta)teóricos no sentido, do ganho de uma maior abrangência de análise, e o aumento do poder de alcance dessa teoria.

A afirmação deste autor de que o potencial da tradição durkheimiana “para unificar a sociologia em torno de um núcleo comum, em minha opinião, continua mais poderoso do que nunca antes” pode ser bem mais do que uma simples afirmação otimista sobre uma ciência que pode ter caído num estado de confusão depois de tantas reformulações e desconfianças sobre propostas epistemológicas ao longo de sua história.

7. Referências Bibliográficas

COLLINS, Randall (2004). *Interaction Ritual Chains*. Princeton University Press.

COLLINS Randall(2009), *Quatro Tradições Sociológicas*. Tradução: Raquel Weiss. – Petrópolis, RJ; Ed. Vozes.

COLLINS, Randall. *Interaction Ritual Chains*. Princeton University Press, 2004.

_____. *Sociology of Philosophy: A Global Theory of the Intellectual Change*. First Harvard University Press paperback edition, 2000

_____. *Upheavals in Biological Theory Undermine Sociobiology*. In: Sociological Theory, Vol. 1, pp. 306-318. Published by: John Wiley & Sons. 1988.

_____. *Violence*. Princeton University Press, 2008.

_____. *A Network-Location Theory of Culture Sociological Theory*, In: Vol. 21, No. 1, pp. 69-73. Published by: American Sociological Association. 2003.

_____. *Turning Points, Bottlenecks, and the Fallacies of Counterfactual History*. In: Sociological Forum, Vol. 22, No. 3, pp. 247-269. Published by: Springer. 2007.

_____. *Heroizing and Deheroizing*. In: Theory and Society, Vol. 22, No. 6, pp. 861-870. Published by: Springer, 1993.

_____. *Statistics versus Words*. In: Sociological Theory, Vol. 2, pp. 329-362. Published by: John Wiley & Sons. 1984.

_____. *The Rise and Fall of Modernism in Politics and Religion*. In: Acta Sociologica, Vol. 35, No. 3, pp. 171-186. Published by: Sage Publications, Ltd. 1992.

_____. *The Sociological Eye and Its Blinders*. In: Contemporary Sociology, Vol. 27, No. pp. 2-7. Published by: American Sociological Association. 1998.

_____. *Toward a Theory of Intellectual Change: The Social Causes of Philosophies*. In: Technology, & Human Values, Vol. 14, No. 2, pp. 107-140. Published by: Sage Publications, Inc. 1989.

_____. *Market Dynamics as the Engine of Historical Change*. In: Sociological Theory, Vol. 8, No. 2, pp. 111-135. Published by: American Sociological Association Stable, 1990.

_____. *Three Faces of Cruelty: Towards a Comparative Sociology of Violence*. In: Theory and Society, Vol. 1, No. 4, pp. 415-440. Published by: Springer. 1974.

_____. *Maturation of the State-Centered Theory of Revolution and Ideology*. In: *Sociological Theory*, Vol. 11, No. 1, pp. 117-128. Published by: American Sociological Association, 1993.

_____. *Reassessments of Sociological History: The Empirical Validity of the Conflict Tradition*. In: *Theory and Society*, Vol. 1, No. 2, pp. 147-178. Published by: Springer. 1974.

_____. *Situational Stratification: A Micro-Macro Theory of Inequality*. In: *Sociological Theory*, Vol. 18, No. 1, pp. 17-43. Published by: American Sociological Association. 2000.

_____. *Sociology: Proscience or Antiscience?* In: *American Sociological Review*, Vol. 54, No. 1, pp. 124-139. Published by: American Sociological Association. 1989.

_____. *The Mega-Historians*. In: *Sociological Theory*, Vol. 3, No. 1, pp. 114-122. Published by: American Sociological Association. 1985.

_____. *The Micro Contribution to Macro Sociology. Sociological Theory*. In: Vol. 6, No. 2, pp. 242-253. Published by: American Sociological Association. 1988.

_____, *Quatro Tradições Sociológicas*. Tradução: Raquel Weiss. – Petrópolis, RJ; Ed. Vozes 2009.

_____. *Functional and Conflict Theories of Educational*. In: *American Sociological Review*, Vol. 36, No. 6, pp. 1002-1019. Published by: American Sociological Association, 1971.

_____. *For a Sociological Philosophy*. In: *Theory and Society*, Vol. 17, No. 5, Special Issue on Breaking Boundaries: Social Theory and the Sixties pp. 669-702. Published by: Springer, 1988.

_____. *A Micro-Macro Theory of Intellectual Creativity: The Case of German Idealist Philosophy*. In: *Sociological Theory*, Vol. 5, No. 1, pp. 47-69. Published by: American Sociological Association Stable, 1987.

COLLINS, Randall. *RESTIVO, Sal. Development, Diversity, and Conflict in the Sociology of Science*. In: *The Sociological Quarterly*, Vol. 24, No. 2 pp. 185-200. Published by: Blackwell Publishing on behalf of the Midwest Sociological Society, 1983.

MIETHE, Terence D. REGOECZI, Wendy C. *Rethinking the Homicide – Exploring the Estructure and Process Underlying Deadly Situations*. Cambridge University Press, 2004.

